

PAISAGENS SIMBÓLICAS: CATOLICISMO POPULAR E O MITO DAS "BANDEIRAS VERDES" NA ROMARIA DO SENHOR DO BONFIM EM ARAGUACEMA, TOCANTINS

Symbolic landscapes: popular catholicism and the myth of the "Green Flags" in the Pilgrimage of the "Lord of Bonfim" in Araguacema, Tocantins

Paisajes simbólicas: catolicismo popular y el mito de las "Banderas Verdes" en la Peregrinación del Señor do Bonfim en Araguacema, Tocantins

José Rodrigues de Carvalho (BR)

Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás - UFG

Instituto de Estudos Sócio-Ambiental - IESA

Membro do Laboratório de Estudos de Gênero Étnico-Raciais e Espacialidades - LaGENTE

e-mail: zecaupoeta@hotmail.com

Resumo

O presente texto pretende mostrar a relação entre a religião e a paisagem, tendo como referencial o mito das "Bandeiras Verdes" no imaginário do catolicismo popular, que criou e mantém a Romaria do Senhor do Bonfim em Araguacema, Tocantins. Buscamos discutir o tema religião e paisagem a partir de dados obtidos em trabalho de campo na perspectiva da geografia humanista cultural. A paisagem da Romaria comporta um conjunto de símbolos que representam o universo de significados do catolicismo popular, num jogo que estabelece relações entre o espaço vivido e a memória, onde as imagens tomam o lugar das percepções diretas.

Palavras-chave: Paisagem simbólica; espaço sagrado; catolicismo popular.



Abstract

This text aims to show the relationship between the religion and the landscape, based on the myth of the "Green Flags" in the imaginary of Popular Catholicism, which created and keeps the "Lord of Bonfim" pilgrimage, in Araguacema, Tocantins. We discuss the topic Religion and landscape from data obtained in field work in the perspective of humanistic cultural geography. The Pilgrimage's landscape holds a number of symbols that represent a universe of meanings of popular catholicism in a game that establishes the relationship between the living area and memories, in which the images take the place of straight perceptions.

Keywords: symbolic landscape; sacred space; popular catholicism.

Resumen

Este artículo demuestra la relación entre la religión y el paisaje tomando como referencia el mito de "Banderas Verdes" en la imaginación del catolicismo popular que creó y mantiene la Peregrinación de Nuestro Señor del Bonfim em Araguacema, Tocantins. Se discute el tema de la religión y el paisaje a partir de datos obtenidos en el trabajo de campo en la perspectiva de la geografía cultural humanista. El paisaje de la Peregrinación incluye un conjunto de símbolos que representan el universo de significados de catolicismo popular en un juego que establece relaciones entre el espacio de vida y de memoria, donde las imágenes ocupan el lugar de las percepciones directas.

Palabras clave: paisaje simbólica; el espacio sagrado; el catolicismo popular.



INTRODUÇÃO

A ação do homem sobre a natureza resulta em paisagens culturais que representam um cenário no qual podemos perceber a história cultural de uma área e de um determinado grupo social. Essas ações produzem paisagens e se expressam nelas como paisagens culturais. Para Sauer (2012), a paisagem cultural é sujeita a mudança, à medida que a cultura se desenvolve, ou é substituída por outra cultura.

As religiões, como expressões culturais, nas suas diferentes formas e relações espaciais, são criadoras e reveladoras de paisagens contendo os fenômenos da existência dos sujeitos religiosos; até porque, a paisagem e a religião têm uma conexão que acompanha a história humana. Pode-se dizer que desde o começo,

o sagrado tem estado implícito na paisagem natural, tanto em traços individuais da paisagem (montanhas, água, bosque) como na paisagem como um todo. A veneração de feições de paisagem ou de lugares sagrados particulares na natureza se baseia na peculiaridade e distintividade individual, que a isola claramente dos arredores em seu todo e em suas manifestações simbólicas, de acordo com forma, cor, tamanho, potência, etc. (FICKELER, 2008, p. 24-25).

O catolicismo popular, assim como as demais denominações religiosas, na sua individuali-

dade como campo de fé - com suas especificidades de cerimoniais e veneração - é, de forma dialética, produtor e consumidor de paisagens. Estas podem ser concretas ou simbólicas.

O nosso objeto de estudo, do qual se originou esse texto, contém o mito das "Bandeiras Verdes" como um elemento simbólico, constituinte de paisagens religiosas, em um lugar às margens dos Rios Araguaia e Piranhas, no Estado do Tocantins, Amazônia.

O presente texto pretende mostrar a relação entre a religião e a paisagem, tendo como referencial o catolicismo popular e o mito das "Bandeiras Verdes" - elemento simbólico presente no imaginário de parte do campesinato nordestino, que migrou para Amazônia entre a última década do final do século XIX e a década de 1950 do século XX; campesinato no qual tem origem a Romaria do Senhor do Bonfim, no município de Araguacema, Tocantins, localizada a 37 km da sede municipal.

Nosso olhar será direcionado para as imbricações entre o mito das "Bandeiras Verdes", o catolicismo popular, e as paisagens religiosas oriundas dessa relação no espaço sagrado da Romaria. Assim, religião e paisagem constituem a tônica de nossa compreensão que se associa à forma espacial incrustada em uma paisagem natural, um santuário em pleno Cerrado, confirmando a opinião de Fickeler (2008, p. 34) que diz: "existem paisagens culturais onde o elemento religioso aparece em um único ponto, na forma de um santuário isolado,



uma tumba, um templo, capela ou igreja [...]". Metodologicamente, consideramos a opinião de Filho (2001), que inspirado em Merleau-Ponty, considera o espaço de caráter relacional e de natureza dinâmica. No espaço da Romaria, um conjunto de coisas em conexões e relações entre si são colocados, ao formar a paisagem cultural e simbólica. Portanto, apresentamos nesse âmbito, a paisagem simbólica do espaço da Romaria do Senhor do Bonfim como resultado desta dinâmica e das relações inerentes ao espaço.

Procuramos apresentar as dinâmicas que envolvem as relações do Catolicismo Popular com o mito das "Bandeiras Verdes" na Romaria como elementos constituidores de paisagens simbólicas.

Para tanto, foram consideradas dimensões materiais e simbólicas como fé, mobilidade e geossímbolos. Buscou-se, nas *dinâmicas verticais*, apresentar a essência da relação entre o fiel e o *outro mundo*, a partir do principal elemento religioso, no caso específico do Senhor Bonfim, a Imagem do Santo. Horizontalmente, perseguimos também as dinâmicas que evidenciam parte das relações entre o Santuário e seus símbolos sagrados com o mundo e, em termo relacional, atentamos para as dinâmicas "representadas pelo espaço-tempo festivo" da Romaria (CAVALCANTE & OLIVEIRA, 2012, p. 126).

Neste sentido, percorremos dois caminhos técnico-metodológicos complementares: a leitura dos acervos impressos e digitais, tais como livros,

periódicos e artigos que discutem o tema da religião e paisagem - na perspectiva da geografia humanista cultural - e o caminho da pesquisa empírica, que foi realizada in loco no espaço da Romaria durante o ano de 2012. O trabalho de campo se constituiu em uma pesquisa participante com técnicas de observações, como: escutas, registros escritos, registros em áudio, registros fotográficos, conversas com grupos de romeiros e romeiros individuais, conversas com as pessoas da Família Francisco de Almeida - "dona do Santo" e organizadora da Romaria.

Reconhecida a capacidade da religião em *geografar* as paisagens - simbólicas ou concretas - de forma dominante e, muitas vezes, permanente, tencionamos partir dos dados empíricos da pesquisa de campo para evidenciar especificidades do catolicismo popular na paisagem da Romaria do Senhor do Bonfim; espaço que, na abordagem cultural aqui adotada, pode ser definido como um espaço novo, o espaço dos geossímbolos de que nos fala Bonnemaïson (2012).

Para esse pesquisador, "o geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma expressão, que por razões religiosas, políticas ou culturais aos olhos de certas pessoas ou grupos assume uma dimensão simbólica [...]" (BONNEMAISSON, 2012, p. 292).



CATOLICISMO POPULAR E A PAISAGEM SIMBÓLICA DAS "BANDEIRAS VERDES": FÉ E MOBILIDADE ESPACIAL

Em seus estudos sobre geografia e religião, Rosendahl ressalta que, no Brasil os mistérios da fé cristã foram introduzidos pelos portugueses, não apenas por meio do Estado, mas, também pelas ordens religiosas. Esta fé se expressa por meio de duas manifestações: o catolicismo oficial, orientado pela tradição romana, e o catolicismo popular.

Ainda segundo esta autora, o catolicismo brasileiro gira em torno dos santos, e sua constituição ocorre no seguinte contexto:

A participação bastante acentuada nas igrejas e o predomínio do aspecto devocional dos fiéis, expressos através das romarias, das promessas e ex-votos, das procissões e festas dedicadas aos santos, dão um caráter eminentemente social e popular ao catolicismo brasileiro. A cultura local reflete o alto nível de sacralidade nas práticas de rezas, promessas e romarias. Essas práticas tomam a forma simbólico-religiosa centralizadas nos santos (ROSENDAHL, 1996, p. 71).

A cartografia do catolicismo popular no espaço brasileiro tem características próprias. Tal fato ocorreu em função do complexo processo de ocupação espacial. Uma característica, que os pesquisadores consideram marcante nessa modalidade de catolicismo, é a privatização das relações dos

homens com os seres sagrados. "A privatização do sagrado, nesse caso, se expressa pela relação do homem religioso com o sagrado, sem a intervenção de nenhuma mediação institucional entre eles" (ROSENDAHL, 2008, p. 76).

Ainda de acordo com Rosendahl, o catolicismo popular no Brasil registra vários movimentos de protesto social camponeses desde o final do século XIX. O Padre Cícero no Juazeiro é um nome que, mesmo sendo representante da instituição católica oficial, se inscreve nesse contexto.

O episódio do Padre Cícero, conforme Rosendahl (2008, p. 77), "oferece à geografia da religião um rico material à reflexão sobre o fenômeno das romarias no Ceará". As profecias do Padre Cícero ganharam diferentes interpretações no seio do campesinato nordestino. Entre o campesinato que se deslocou para a Amazônia, uma das profecias do Padre Cícero que se constitui em símbolo de esperança é a das "Bandeiras Verdes".

Vieira (2001), que estudou os movimentos sócio-religiosos e da cultura do campesinato brasileiro na região da fronteira amazônica oriental, especificamente no sul do Estado do Pará, teve como objeto de pesquisa duas comunidades camponesas que tinham suas trajetórias marcadas pelo mito das "Bandeiras Verdes".

Segundo Vieira, "Bandeiras Verdes" é um lugar espacial, natural, social e, acrescentaríamos ainda, mítico e simbólico, associado aos fins dos tempos. Conforme esta autora, muitos campone-



ses contam que o Padre Cícero teria dito aos seus fiéis que procurassem as "Bandeiras Verdes"; elas seriam as terras do outro lado do Rio Araguaia, lá teria terra para todos e seria uma terra rica, "pois, no final dos tempos só nessas terras não faltaria alimentação".

Ainda de acordo com Vieira, esse lugar simbólico no imaginário dos camponeses migrantes, contém possibilidade de vir a ser concreto. Há uma paisagem imaginária e simbólica nas "Bandeiras Verdes" idealizada pelos camponeses.

Vieira estudou as "Bandeiras Verdes" como movimento, missão e romaria, e a trata como uma profecia feita pelo o Padre Cícero do Juazeiro, Ceará, mesmo não encontrando, segundo ela, nenhum documento comprobatório dessa orientação feita pelo sacerdote. Mesmo assim, para a pesquisadora,

a profecia das Bandeiras Verdes é atribuída ao Padre Cícero. Ele teria dito a seus fiéis que nos fins dos tempos deveriam procurar as Bandeiras Verdes, que foram identificadas com as matas amazônicas. A crença na profecia é compartilhada por camponeses nordestinos e do centro-oeste, tendo sido, para muitos, o elemento desencadeador da migração para a Amazônia (VIEIRA, 2001, p. 142).

De acordo com Costa (2008), o caráter simbólico dos lugares revela-se ao ser humano como algo que precede a linguagem e a razão discursiva, apresentando, assim, determinados aspectos

do real, enfatizando as relações entre o simbólico e o lugar. A Romaria do Senhor do Bonfim, que surgiu no contexto da migração de nordestinos para as "Bandeiras Verdes", é um lugar onde os símbolos estão na realidade material e conjugam-se às ideias, valores e sentimentos dos devotos do Santo.

A Romaria é um lugar onde as realizações cotidianas das famílias que habitam o povoado e dos romeiros que ali se territorializam durante o tempo sagrado da Romaria são mediatizadas pelo simbólico, ou seja, mediações simbólicas permeiam as atitudes pessoais e a paisagem.

Sauer (2012, p. 187) define paisagem como sendo "uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais". Costa (2008) lembra que o conceito de paisagem não é exclusivo da geografia, mas é uma ideia amplamente utilizada nesta ciência como recurso teórico-metodológico que auxilia na compreensão dos aspectos e fenômenos que concorrem para modelar, organizar e modificar materialmente o espaço.

Santos (2012) considera a dimensão da paisagem a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos; no entanto, este autor utiliza o conceito de paisagem artificial ao invés de paisagem cultural.

Na perspectiva da geografia cultural, "a paisagem faz parte da realização humana, eivada de significado pleno no seu sentido fenomenológico"



(COSTA, 2008, p. 150). No espaço da Romaria do Senhor do Bonfim, os significados simbólicos das paisagens estão relacionados à percepção dos fiéis romeiros e suas subjetividades. O simbólico na Romaria sugere um repertório de representações envolvendo paisagens antigas e atuais, expressas por meio dos saberes e práticas religiosas dos devotos.

Nas paisagens simbólicas da Romaria do Senhor do Bonfim estão guardados os significados e as dimensões da vida e, principalmente, da vida religiosa. Espaço ancorado na realidade mais palpável do lugar. Assim como as "Bandeiras Verdes", o lugar da Romaria do Senhor do Bonfim é um lugar materializado concretamente, mas que contém sua dimensão simbólica.

Martins (1996), que estudou as frentes pioneiras na Amazônia na perspectiva da fronteira, recebendo migrações das diversas regiões do Brasil, principalmente do Nordeste, diz serem as migrações espontâneas para a Amazônia motivadas por concepções religiosas milenaristas¹.

Durante seu trabalho de campo na região, este pesquisador diz ter encontrado em diferentes pontos de uma extensão de cerca de oitocentos quilômetros ao longo do Rio Araguaia, diversos grupos de camponeses que chegaram à região inspirados pelas profecias do Padre Cícero sobre a existência de um lugar mítico depois da travessia do grande Rio, que seria o Rio Araguaia. Sobre as "Bandeiras Verdes", o autor registra,

E tive notícia de um grupo desgarrado, empenhado na mesma busca que se estabelecera à beira do Rio Tocantins. Esse lugar mítico é reconhecido como o lugar das Bandeiras Verdes, que ninguém sabe dizer exatamente o que é nem onde é. Mas, seria reconhecido quando fosse encontrado, por ser um lugar de refrigério, de águas abundantes, de terras livres, em contraste com o Nordeste árido e latifundista (MARTINS, 1996, p. 53).

Movidos por essa esperança da terra prometida, milhares de homens e mulheres buscaram as margens do Rio Araguaia, a transpuseram e se fixaram na terra, até que as frentes da pecuária, da extração de madeira e minério, os expulsassem para os núcleos urbanos que foram se formando em toda Amazônia, principalmente, a partir dos anos de 1950. Martins, ao falar das características e trajetórias desses grupos migrantes, assim define:

Trata-se, claramente, de milenarismo medieval e europeu, como é próprio da maioria dos casos de milenarismo no Brasil. Os que procuram as Bandeiras Verdes andam em grupos. Geralmente são grupos de parentes e vizinhos no local de origem. Sua trajetória dos pontos de origem no Nordeste aos lugares em que se estabeleceram varia de seiscentos a oitocentos quilômetros. O deslocamento é lento, em vários casos tomando dos peregrinos muitos anos, com paradas demoradas ao longo do trajeto (MARTINS, 1996, p. 53).



Na opinião deste autor, há na fronteira um imaginário místico, que mescla e adapta ao sentido de movimento próprio da frente de expansão, vários e diferentes componentes do imaginário medieval. Além dos seguidores das "Bandeiras Verdes", ainda de acordo com o autor, havia outros grupos de camponeses peregrinos, como o de Maria da Praia, que há muitos anos se deslocava de Minas Gerais, no Sudeste, para o Norte. Depois de alguns anos na travessia entre Goiás e Mato Grosso, o grupo se estabeleceu no Pará.

Falar das "Bandeiras Verdes" é resgatar o imaginário popular romeiro, repleto de simbolismo e fé. Nela, talvez esteja a visão da natureza (as matas), como o lugar sagrado de que fala Eliade (2011). As práticas religiosas, substanciadas por esse simbolismo, expressam especificidades na paisagem da Romaria do Senhor do Bonfim. Poderíamos adjetivar essa paisagem de paisagem religiosa, pois, contêm crenças e identidades culturais de um grupo religioso.

¹ A utopia joaquimita (Giacchino Da Fiore, um monge calabrês do século XII) se manifesta, no milenarismo sertanejo, nas práticas comunitárias, já que sua previsão é a de que há de chegar um tempo de justiça, de fraternidade, de liberdade, de fartura - um tempo de libertação (MARTINS, 1996, p. 54).

PAISAGEM CULTURAL NA ROMARIA DO SENHOR DO BONFIM: DIMENSÕES MATE-RIAIS E SIMBÓLICAS

A análise atual da geografia sobre a paisagem, segundo Claval (1999), se dedica ao conjunto de convivências que se tecem entre os sujeitos e a paisagem. Essa cumplicidade se manifesta em múltiplas dimensões na Romaria do Senhor do Bonfim. Nesse âmbito, tentaremos tornar inteligíveis partes das dimensões materiais e simbólicas dessa relação entre os religiosos e a paisagem na Romaria. Para Sarmento (2012), a paisagem é um gênero de espaço produzido, representado e vivido.

O povoado do Senhor do Bonfim possui duas vias de acesso, uma pelas águas do Rio Piranhas e a outra pela Rodovia estadual TO 436. Quem entra no povoado por essa via terrestre, encontra como símbolo da religiosidade do lugar, uma estátua do Santo, uma imagem do corpo do Cristo sem os braços e as pernas, com um semblante triste e olhando para o chão; sobre a cabeça, sustenta uma espécie de áurea pesada e, um lenço colorido adorna todo o crânio, cobrindo a testa com as pontas pendentes sobre o ombro direito do Cristo, instalado sobre uma base de cimento (Figura 1).

Os devotos, ao passarem por essa imagem do Cristo, expressam sua fé e devoção com três gestos ritualísticos: o sinal da cruz; postando os dois joelhos no chão e curvando o corpo; e postan-



do apenas um dos joelhos no chão enquanto faz o sinal da cruz por três vezes.

O momento e o ato de entrar na cidade, no imaginário dos romeiros, exigem um repertório de ritos de passagem realizados por quase todos que adentram aquele espaço, confirmando assim o caráter social e coletivo da religião, de quem nos fala Durkheim. A estátua do Cristo marca simbolicamente a paisagem do lugar, reforçando a cultura religiosa do catolicismo popular, que tem como centralidade a adoração aos santos.



Figura1- Símbolo sagrado na entrada do Povoado do Senhor do Bonfim.
Fonte: CARVALHO, J. R., 2012.



Cosgrove (2012 p. 227) afirma que toda paisagem é simbólica. No entanto, a ligação entre o símbolo e o que ele representa parece muito tênue. Para os devotos do Senhor do Bonfim, quando estão em peregrinação para a Romaria, tudo ao seu entorno, a estrada, o tempo (sol aberto, o firmamento, o vento), o tipo de transporte que os conduz, passam a significar mais que elementos objetivos; a eles são amalgamados significados da crença e dos valores religiosos que esses romeiros carregam.

Ao adentrar no povoado, o fiel sabe instintivamente os limites de comportamento, os códigos apropriados de conduta dentro daquele espaço sagrado. Na paisagem da Romaria não há sinais restringindo ou permitindo o uso do espaço; no entanto, a própria forma de organização espacial dos estabelecimentos que prestam serviços de lazer e diversão aos romeiros durante a Romaria demonstra o limite espacial na paisagem. Eles estão alocados bem mais afastados do entorno da Capela que abriga a Imagem do Santo.

A materialidade da paisagem no espaço sagrado da Romaria do Senhor do Bonfim apresenta-se diferente em dois momentos: um, antes do tempo sagrado da festa, e outro, durante. Em tempo não festivo, a paisagem se mostra com aspectos de rotina de qualquer vilarejo; sem nenhum elemento paisagístico além da Igreja, um posto de saúde, uma pequena escola primária e dois pequenos galpões-alojamentos para romei-

ros, as casas e as ruas desertas, a praça com duas caixas d'água, e uma quadra esportiva (Figura 2).





Figura 2 - Paisagem do Povoado do Senhor do Bonfim fora do tempo da Romaria. Fonte: CARVALHO, J. R., 2012.



Nessa vivência, os fiéis podem ter experiências que transcendem a esse mundo. Parte dessa recriação da paisagem está associada ao comércio de artigos sagrados e outros bens e serviços que atendem aos romeiros durante a Romaria. No espaço central do Povoado, são montadas barracas comerciais e, nos arredores - os quintais das casas - são montadas barracas de camping ou de lonas comuns e, são armadas redes, onde os romeiros se hospedam, pois o Povoado não dispõe de serviço de hotéis (Figura 3).

Essa é a paisagem cultural fixa do Povoado. Nela estão explícitos e implícitos "elementos culturais, políticos, religiosos, sócio-espaciais, históricos [...]" (OLANDA, 2008, p. 262), que revelam o modo de vida da comunidade que ali vive há mais de 70 anos.

A ampla área central (praça) expressa a perspectiva da comunidade em relação ao espaço livre central, onde futuramente pudesse abrigar muitas pessoas. A não existência de muros entre as casas revela, também, um modo de vida diferente do de isolamento espacial flagrante em outras cidades.

A ausência de muros exprime as relações de parentesco que permeia o cotidiano dos habitantes, pois quase todos pertencem à Família Francisco de Almeida, fundadora da Romaria. A Igreja, construída ao lado das casas da Família Almeida, e não em uma área central, separada do espaço comum de moradia, explicita o caráter privado do

Santo, característica marcante no catolicismo popular.

Esse tipo de santuário foi classificado por Nolan e Nolan (1989), citados por Santos (2008), como santuários *remotos*, pelo fato de estarem associados a um povoado com menos de 10 mil habitantes. No Povoado do Senhor do Bonfim residem apenas 60 famílias.

Durante o tempo sagrado da Romaria, essa pacata paisagem é reelaborada e, a ela são acrescentados a vida e os objetos dos milhares de romeiros que nela chegam. Nesse período, "os romeiros imprimem no espaço um extraordinário estado de efervescência religiosa" (ROSENDAHL, 2009, p. 47).

Nessa vivência, os fiéis podem ter experiências que transcendem a esse mundo. Parte dessa recriação da paisagem está associada ao comércio de artigos sagrados e outros bens e serviços que atendem aos romeiros durante a Romaria. No espaço central do Povoado, são montadas barracas comerciais e, nos arredores - os quintais das casas - são montadas barracas de camping ou de lonas comuns e, são armadas redes, onde os romeiros se hospedam, pois o Povoado não dispõe de serviço de hotéis (Figura 3).





Figura 3 - Paisagem do Povoado do Senhor do Bonfim durante o tempo da Romaria. Fonte: CARVALHO, J. R., 2012.

Elementos da natureza, como os mangais e o Rio Piranhas, presentes na paisagem, atestam uma temporalidade para a além do presente. As árvores ostentam alturas elevadas, copas frondosas e troncos cascudos e robustos, demonstrando que fazem parte daquela paisagem há bastante tempo. Da mesma forma, o Rio denuncia em seu leito o processo de assoreamento que vem sofrendo ao longo das últimas décadas, quando as terras da região começaram a ser transformadas em pastagens. Suas margens já não abrigam mais as matas ciliares, e suas águas perderam o azul para a cor *barrenta*, resultante da intensidade da ação antrópica em suas proximidades.

Paisagens culturais são geralmente marcadas por geossímbolos. Estes, para Bonnemaïson (2012, p. 292), "podem ser definidos como lugar, um itinerário, uma extensão, que por razões religiosas, políticas ou culturais aos olhos de certas pessoas ou grupos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade". Costa (2010, p. 41), inspirado em Rosendahl, informa ainda que "os elementos geossimbólicos são constituídos por templos, santuários, estátuas, colinas, fontes, lagos, roteiros devocionais, etc."

Três elementos geossimbólicos são marcantes na paisagem da Romaria do Senhor do Bonfim: duas estátuas do Cristo Senhor do Bonfim, uma do Cristo martirizado, e a outra do Cristo em túnica azul (cor do Céu) de braços semi-levantados e cabelos soltos ao vento (simbolicamente repre-

sentando vigor físico, saúde, beleza, determinação e liberdade) e, entre eles, um cruzeiro em madeira pintado de branco, medindo dois metros de altura. Os três geossímbolos estão instalados sobre plataformas de concreto à altura de 80 centímetros. Estes elementos na Romaria estabelecem uma ligação com os devotos, aproximando-os do mundo mítico-sagrado.

Além deste cruzeiro, que os fiéis elegeram como o principal, existe na paisagem mais outros dois cruzeiros, um, menos espesso que os demais, porém mais alto e posicionado próximo à frente da Igreja; e outro, ao lado das estátuas. Esse recebe pouca atenção do fluxo de romeiros que por ali passa. O terceiro cruzeiro, durante o tempo sagrado da Romaria, estava parcialmente pintado (Figura 4).





Figura 4 - Geossímbolos da paisagem da Romaria. Fonte: CARVALHO, J. R., 2012.



Maia (2011), ao discutir paisagens festivas e interações mítico-ritualísticas em práticas tradicionais do catolicismo popular, critica a postura analítica *ocularista*. Nessa perspectiva, a rigor, a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão. Maia (2011), à luz de Cassirer, põe em tela a concepção da *lógica do pensamento* mítico e a confronta com a postura *ocularista* que analisa apenas os objetos e suas funções na paisagem.

Em sua opinião, os rituais que marcam as paisagens religiosas revelam, paralelamente, outra *lógica* de lidar com o espaço, constituindo uma paisagem pela emoção dos rituais e mitos. No presente estudo, além de apresentarmos os elementos religiosos como marca e matriz na paisagem da Romaria do Senhor do Bonfim, procuramos trazer junto os significados simbólicos desses elementos para os fiéis e a paisagem.

Fickeler (2008), ao falar de cerimonialismo e o sagrado, ressalta que toda religião possui um lado que aborda a conduta pessoal (ético) e outro que trata da adoração (cerimonial); cabe à Geografia da religião tratar, acima de tudo, da religião cerimonial, "devendo lhe dar com as ideias cerimoniais de mais importante expressão geográfica" (FICKELER, 2008, p. 8). Sendo assim, uma procissão no espaço-tempo da Romaria constitui-se em um cerimonial geograficamente considerável, uma vez que nela estão expressas práticas simbólicas imaginárias que projetam afetividade e "os estere-

ótipos da civilização e os valores ligados à identidade e a diferenciação social" (REVIÈRE, 2008, p. 37).

A procissão é um ato de peregrinação constituído em rito; o espaço de sua ocorrência se difere do espaço familiar. Neste espaço, o peregrinar alcança seu apogeu; ele é visto como cena teatral, em que se representam outros papéis diferentes dos que se representa em casa.

Na Romaria do Senhor do Bonfim, a procissão ganha o destaque por ser o ritual de encerramento da festividade religiosa a cada ano (Figura 5). A procissão é um tipo de mobilidade, deslocamento espacial físico e espiritual que expressa uma paisagem peculiar da cultura religiosa. Sobre essa especificidade espacial, concordamos com Claval (1999), de que a vida religiosa inscreve-se num contexto de movimentos incessantes.





Figura 5 - Ritual da Procissão na paisagem da Romaria. Fonte: CARVALHO, J. R., 2012.

A procissão é uma prática devocional que eleva o romeiro a agente construtor e consumidor de espaços e paisagens. No catolicismo popular, a procissão é uma das formas afetivas dos fiéis demonstrarem sua fé no Santo de sua adoração. Não entendemos que a procissão represente somente o sagrado oficial, como afirma Rosendahl (2009); pois, na Romaria do Senhor do Bonfim, a procissão é organizada e conduzida pela Família Francisco de Almeida, sujeitos ativos nesse rito que envolve quase todos os romeiros presentes. Os fiéis do catolicismo popular a percebem como uma relação de aliança com o seu Santo protetor.

Maia (2011), ao perceber o catolicismo popular mais orientado por um sistema mítico, concebe o devoto dessa vertente religiosa como um sujeito de poder e não um mero "temente a Deus, pois, o devoto, nos rituais de homenagem aos santos, cultua as santidades e seus poderes, paradoxalmente demonstrando seu poder, como devoto, de gerenciar/negociar o que almeja" (MAIA, 2011, p. 27).

A relação entre paisagem e religião, na opinião de Costa (2010), fundamenta-se em mitos fundadores. No Povoado do Senhor do Bonfim, o mito fundador da Romaria é a imagem do Santo martirizado. A partir desse mito, os devotos de orientação popular criam e recriam anualmente uma paisagem cultural por meio das suas práticas devocionais. Conforme Costa, a paisagem cultural não é somente formada por elementos construídos

através da ação humana, ela também estrutura-se simbolicamente por imaginários sociais, permeando atitudes pessoais em relação aos lugares de afetividade e reencontro, envolvendo também determinados aspectos do real, enfatizando assim as relações existentes entre o símbolo e o lugar (COSTA, 2010, p. 49).

Dessa relação simbólica com o lugar, configura-se o substanciamento identitário dos fiéis com o espaço e sua paisagem, convergindo para o que Almeida et. al. (2011, p. 29) percebem nas festas religiosas populares, pois, nessas festas "há uma apropriação simbólica do espaço por uma coletividade".

Na Romaria do Senhor do Bonfim, um espaço erigido sob a perspectiva do catolicismo popular, assim como em espaços sagrados de outras religiões, os símbolos dessa visão religiosa - de certa forma - marcam e delimitam o espaço simbólico e a paisagem. Gil Filho, inspirado em Cassirer, expressa e ilumina de forma exemplar a estrada do ser humano e seu universo simbólico:

O homem é um ser simbólico, no sistema cassireriano, que o caracteriza como superação da vida biológica. Assim, há uma ruptura da ordem natural gerada pelo homem e na qual ele deve ser submetido. Este processo conscientiza o homem de que ele não somente vive no universo de fatos, mas, sobretudo, em um universo simbólico. Deste modo, a religião é parte deste univer-



so pleno de significados que faz parte indissociável da experiência humana. Sendo assim, o homem não está somente diante da realidade imediata, mas à medida que sua prática simbólica se realiza ele busca os significados da existência. O homem é o protagonista deste conhecimento simbólico e desta prática social da religião (GIL FILHO, 2007, p. 210).

Sendo assim, o homem religioso dota de simbologia todos seus ritos e espaços como sagrados. Esses símbolos são imbuídos da cultura daqueles que os criam e realizam, sendo essa uma das formas de fortalecimento da identidade do grupo. Portanto, "identificar paisagens religiosas significa reconhecer crenças e identidades culturais de um grupo/povo" (ROSENDAHL, 2010, p. 206).

Para Fickeler (2008, p. 12), "símbolos religiosos no sentido mais amplo têm um papel importante na vida cultural-religiosa [...]". Na paisagem religiosa da Romaria do Senhor do Bonfim, um conjunto de símbolos - luzes, cores, sons, cheiros, objetos, gestos e movimentos - parece reter ainda hoje para os fiéis "seu sentido original e antigo, como expressões de ideias que são difíceis ou impossíveis de traduzir em palavras" (FICKELER, 2008, p. 12) funcionam, talvez, como honraria simbólica ao divino. A (Figura 6), expressa exemplarmente essas honrarias ao Santo.



Figura 6 - Mosaico de fotos dos símbolos religiosos da Romaria do Senhor do Bonfim. Fonte: CARVALHO, J. R., 2012.



As luzes sagradas, segundo Fickeler (2008), são usadas por todas as religiões; elas cumprem um propósito mágico e de adoração. Um dos símbolos do catolicismo popular na Romaria é o *acender velas*, talvez esta luz queira traduzir: *Eu sou a luz do mundo* (João 8: 12). São luzes que respondem às luzes celestiais, luz para iluminar os difíceis caminhos dos fiéis no cotidiano.

Destaque na paisagem diurna religiosa, as cores representam, na sua maioria, alegria e chamam atenção para a vida do Cristo. As cores mais presentes nos símbolos religiosos da Romaria são o verde, o amarelo, o vermelho, o azul, o roxo, o branco e o rosa (Quadro 1). Há uma consonância entre os significados das cores no campo teológico e no campo cultural.



CORES	LEITURA TEOLOGICA	LEITURA CULTURAL
Branco	Simboliza a alegria cristã e o Cristo vivo.	Representa a luz difusa. Associada à pureza e verdade.
Amarelo/Dourado	E a cor mais luminosa, alegre, vital e tonificante. Muitas vezes a santidade é representada em ouro, seu esplendor.	Simboliza a luz, iluminação religiosa interna, do sol espiritual e sabedoria divina.
Vermelho	Simboliza o fogo purificador, o sangue e o martírio.	Cor simbólica do fogo, do brilho do sol, cor do sangue e do fluido vital.
Azul	Sabedoria e piedade.	Simboliza o espiritual, o inefável, o secreto, o eterno.
Verde	Simboliza a esperança que todo cristão deve professar.	Símbolo da vida renascida e do crescimento.
Rosa	Simboliza uma breve pausa, certo alívio na tristeza e no rigor da penitência.	Confiança. Romance, amor, amizade, feminilidade, verdade, passividade, boas intenções, cura, emocional, paz.
Roxo	Simboliza a preparação, penitência ou conversão. Luto e morte.	Realeza. Espiritualidade, nobreza, cerimônia, mistério, transformação, sabedoria, sofisticação.

Quadro 1 - Cores sagradas na paisagem da Romaria do Senhor do Bonfim.
Org. CARVALHO, J. R. a partir de Fickler (2008) e <http://www.divinoespiritosanto.org/>. <acesso em: 30 jun. 2013>.



O olhar do devoto contempla na paisagem do Povoado um conjunto de símbolos sagrados, dentre eles estão: o altar decorado com grande variedade de imagens de santos; a Imagem original do Senhor do Bonfim sendo conduzida na berlinda²; as mãos estendidas ou acariciando uma réplica da Imagem do Santo e as fitas coloridas que pendem da cintura da Imagem; o *acender velas* ao pé do cruzeiro.

Esse mosaico simbólico na paisagem contribui para o estabelecimento de uma inexorável relação entre o devoto, o sagrado e a paisagem, como se denota na seguinte passagem:

É a paisagem como ambiente, envolvendo tudo que nós vivemos e dessa forma é cultivada como algo sensitivo para o detalhe, para a textura, cor, todas as relações visuais, e mais se engaja nesse ambiente, todos os nossos sentidos, os sons e o cheiro e inefavelmente o sentido de lugar como algo que nos faz sentir bem (MEINIG 1975, p. 45 apud FICKELER, 2008, p. 52).

A relevância da paisagem simbólica com seus conteúdos e significados para o devoto é a expressão da vivência da sua prática religiosa. Acatamos a sugestão de Maia (2011), de que a apreensão da paisagem como aparência não é suficiente para vislumbrar a paisagem como "movimento próprio de espacialização da história viva; para tanto, faz-se necessário apreender a paisagem como aparição, por esse olhar sempre haverá

algo inapreensível na paisagem e não é só pela técnica que podemos participar dela" (MAIA, 2011, p. 33).

²Pequeno assento suspenso entre dois varais, onde a Imagem do Santo é instalada para ser conduzida na procissão, e que pode ser carregada por quatro ou mais pessoas. Nas romarias, muitos fiéis se aproximam dela e somam-se aos demais carregadores na condução do/a Santo/a.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreende-se pelo o que foi exposto sobre a relação da religião com a paisagem na Romaria do Senhor do Bonfim que, a presença e a importância da dimensão simbólica na vida dos romeiros constituem-se em força e atitude desses fiéis que, por meio de devoção, peregrinação e adoração - durante os dez dias de festejo - alimentam sua fé na paisagem simbólica do espaço sagrado e, ao mesmo tempo, imprimem por meio de rituais e objetos um repertório de novos símbolos na paisagem. Constata-se logo, na paisagem simbólica do lugar, quando se busca a origem dessa Romaria, um espaço vinculado à trajetória de uma Família de migrantes nordestinos a procura das "Bandeiras Verdes". Pode-se dizer que a Romaria só existe e dá existência material e simbólica a milhares de romeiros graças ao mito das "Bandeiras Verdes", que mobilizou levas de migrantes para a Amazônia e, entre eles estava a Família Francisco de Almeida.

Na Romaria do Senhor do Bonfim podemos dizer que os símbolos instauram de certo modo uma ordem social religiosa configurada em um espaço sagrado. O simbolismo presente na paisagem é um dos pontos de partida para a compreensão da sua realidade. A relação dos romeiros com o símbolo: Imagem do Jesus Senhor do Bonfim, no tempo e no espaço sagrado da Romaria, evidencia a importância do sobrenatural e do simbólico nas

suas vidas, e revela paisagens ricas em significados. Essa relação, conjugada com suas trajetórias sócio-espaciais de privações e dificuldades, os leva às práticas e ações fundadoras e transformadoras de territorialidades e identidades na Romaria e, tudo isso, mediatizado pelo símbolo e a aptidão do simbólico para formar espaço cultural.

A interpretação geral dos significados simbólicos do sagrado e a relevância deste nos rituais nos levam a inferir ainda que, a força da fé mobiliza pessoas e neutraliza qualquer sinal de cansaço entre os devotos do Senhor do Bonfim quando se aproxima o tempo sagrado da Romaria. Para o romeiro, peregrinar é um ato de penitência que aos olhos do Santo merece ser recompensado com alguma graça. Peregrinar ao encontro do lugar sagrado pode representar uma reviravolta na vida de quem o faz. O lugar sagrado da Romaria tem um sentido de fonte de dinamismo e emanador de forças vitais. A peregrinação significa a passagem de um lugar superficial - o cotidiano - para um lugar tido como central e profundo marcado pela paisagem simbólica.

O simbolismo inerente ao espaço sagrado da Romaria do Senhor do Bonfim não está dado somente na paisagem visível do lugar, ele pode ser lido nos rituais realizados coletivo ou individualmente. Esses rituais apresentam um caráter de memória religiosa. Eles seriam formas de preservação da memória primordial. No catolicismo popular as relações individualizadas dos devotos



com o sagrado são configuradas nos rituais em que esses fiéis participam ou até mesmo criam. Cada romeiro na sua individualidade atribui significância ao ritual conforme suas necessidades imediatas e o cultiva como repositório de significados nas paisagens simbólicas.

Denota-se, no espaço sagrado da Romaria, que "o simbólico dos lugares pode ser entendido também como uma necessidade do passado" (COSTA, 2008, p. 155). A paisagem da Romaria comporta um conjunto de símbolos que representa o universo de significados do catolicismo popular, num jogo que estabelece "relações entre o espaço vivido e a memória, onde as imagens tomam o lugar das percepções diretas".

Com efeito, entendemos que a presente pesquisa apenas iniciou um estudo geográfico na Romaria do Senhor do Bonfim. Esse estudo pode ser retomado por pesquisas posteriores que, além do caminho percorrido por nós no campo do simbólico e suas interpretações, possam abarcar outras dimensões relevantes da festa, como por exemplo, a econômica e a política, aspectos que foram apenas tangenciados nesse trabalho e que merecem deslindamentos mais aprofundados.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

165

ALMEIDA, Maria G. et al. **Territórios, Paisagens e Representações: um diálogo em construção.** In: Mercator, Fortaleza, v. 10, n. 22, p.23-35, mai./ago. 2011.

BONNEMAISON, Jöel. **Viagem em torno do território.** In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). Geografia cultural: uma antologia. Rio de Janeiro: edUERJ, 2012.p. 279-304.

CAVALCANTE, Tiago V.; OLIVEIRA, Christian Dennys M. de. **Geografias relacionais: a festa no Santuário de Fátima em Fortaleza-CE.** GeoTextos, vol. 8, n. 2, dez. 2012. 123-148.

CLAVAL, Paul. **Geografia cultural: o estado da arte.** In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: edUERJ, 1999.p. 59-98.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço e simbolismo.** In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C. C.; CORRÊA, Roberto L. (orgs.). Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.p. 133-154.

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas.** In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). Geografia cultural: uma antologia. Rio de Janeiro: edUERJ, 2012.p. 219-238.

COSTA, Otávio J. Lemos. **Hierópolis: o significado dos lugares sagrados no sertão cearense.** In: ROSENDAHL, Zeny. (org.). Trilhas do sagrado. Rio de Janeiro: edUERJ, 2010.p. 35-60.

COSTA, Otávio. **Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares.** In: Espaço e Cultura, UERJ, RJ, Edição comemorativa, p. 149-156, 1993-2008.

FICKELER, Paul. **Questões fundamentais na geografia da religião.** Espaço e cultura, UERJ, RJ, Edição Comemorativa, p. 7-35, 1993-2008.



GIL FILHO, Sylvio F. **Geografia da Religião: Reconstruções Teóricas sob o idealismo crítico.** In: KOZEL, S.; SILVA, J. C.; GIL FILHO, S. F. (orgs.). Da percepção e Cognição à Representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Imagem; Curitiba: NEER, 2007, p.207-222.

_____. Por uma geografia do sagrado. In: R. Ra'ega, Curitiba, nº 5, p. 72-77, 2001. Editora da UFPR.

MAIA, Carlos E. S. **Paisagens festivas e interações mítico-ritualísticas em práticas tradicionais do catolicismo popular.** In: Espaço e Cultura, UERJ, RJ, n. 30, p.19-35, jul./dez. de 2011.

MARTINS, José de Souza. **O tempo da fronteira: retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira.** Tempo Social; Ver. Sociol. USP, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 25-70, 1996.

OLANDA, Diva A. M. **"Memórias do vento" e as paisagens citadinas.** In: ALMEIDA, Maria G. et. al. Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares. Goiânia: Editora Vieira, 2008.p. 255-283.

PEREIRA, Clevisson J.; GIL FILHO, Sylvio F. **Geografia da religião e espaço sagrado: diferenças entre as noções de lócus material e conformação simbólica.** In: Ateliê Geográfico Goiânia-GO v. 6, n. 1, p.35-50. 2012.

RIVIÈRE, Claude. **Representação do espaço na peregrinação africana tradicional.** In: Espaço e Cultura, UERJ, RJ, Edição Comemorativa, p. 37-50, 1993-2008.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço, cultura e religião: dimensões em análise.** In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). **Introdução à geografia cultural.** Rio de Janeiro: edUERJ, 2010.p. 187-286.

_____. Zeny. **Hierópolis: o sagrado e o urbano.** Rio de Janeiro: edUERJ, 2009.148p.

_____.Zeny. **O sagrado e o urbano: Gênese e função das cidades.** In: Espaço e Cultura, UERJ, RJ, Edição comemorativa, p. 149-156, 1993-2008.

_____. Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica.** Rio de Janeiro: edUERJ, 1996. 92p.



SANTOS, Maria da Graças Mouga Pouças. **A difusão espacial de um santuário: apontamentos para um estudo da dimensão extraterritorial de Fátima.** In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). Espaço e cultura: pluralidade temática. Rio de Janeiro: edUERJ, 2008.p. 79-106.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado.** São Paulo: EDUSP, 2012. 136p.

SARMENTO, João. **David Harvey e a geografia cultural.** In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). Geografia cultural: uma antologia. Rio de Janeiro: edUERJ, 2012.p. 129-152.

SAUER, Carl O. **A morfologia da paisagem.** In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). Geografia cultural: uma antologia. Rio de Janeiro: edUERJ, 2012.p. 43-86.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa. **À procura das Bandeiras Verdes: viagem, missão e romaria.** Movimentos sócio-religiosos na Amazônia Oriental. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas: UNICAMP, 2001.

